

Geo(foto)grafias de uma pequena cidade: diversas ruralidades ou ruralidades habitadas?

Geo(photo)graphies d'une petite ville: ruralités diverses ou ruralités habitées?

Geo (photo)graphs of a small town: diverse ruralities or inhabited ruralities?

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

jfragaportugal@yahoo.com.br / jportugal@uneb.br

José Marcos Silva Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

jmsribeiro08@gmail.com

Simone Santos de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br / ssoliveira@uneb.br

Resumo

Este texto é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Graduação em Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XI, Serrinha, semiárido baiano, intitulada: “Campo, cidade, urbano e rural: conceitos, representações e abordagens nos livros didáticos de Geografia”. Para o presente ensaio, utilizamos os registros fotográficos que integram parte do acervo metodológico da pesquisa para tecer reflexões a partir de um aporte teórico que versa sobre as pequenas cidades, ruralidades, fotografias e o ensino de Geografia. As reflexões defendem a inserção das práticas espaciais cotidianas dos estudantes nas abordagens de conceitos e temas da Geografia na escola. Além disso, a dinâmica singular da cidade pequena mediante as manifestações das ruralidades que nela ocorrem explica também as suas particularidades em relação às médias e grandes cidades, e o seu reconhecimento no âmbito do ensino de Geografia concebe outros e diferentes modos de compreensão desses espaços e das maneiras de ser de quem os vivenciam.

Palavras-chave: Cidade pequena; Ruralidades; Fotografias; Ensino de Geografia.

Résumé

Ce texte est un extrait d'une recherche développée dans le cadre du Travail de fin de cours (TCC) du diplôme de premier cycle en géographie à l'Université d'État de Bahia (UNEB), campus XI, Serrinha, région semi-aride de Bahia, intitulé: "La Campagne, La ville, L'urbain et le rural: concepts, représentations et approches dans les manuels de géographie". Pour le présent essai, nous avons utilisé les archives photographiques qui font partie de la collection méthodologique de la recherche pour tisser des réflexions à partir d'une contribution théorique qui traite des petites villes, des ruralités, des photographies et de l'enseignement de la géographie. Les réflexions défendent l'insertion des pratiques spatiales quotidiennes des élèves dans les approches des concepts et thèmes de Géographie à l'école. Par ailleurs, la dynamique singulière de la petite ville à travers les manifestations de *ruralités* qui s'y produisent explique aussi ses particularités par rapport aux moyennes et grandes villes, et sa reconnaissance dans le cadre de l'enseignement de la Géographie conçoit d'autres et différentes manières d'appréhender ces espaces et des manières d'être de ceux qui les vivent.

Mots-clés: Petite ville; Ruralités; Photographies; Enseignement de la géographie.

Abstract

This text is an excerpt of a research developed within the scope of the Course Completion Work (TCC) of the graduation in Degree in Geography from the State University of Bahia (UNEB), *Campus IX Serrinha*, semi-arid region of Bahia, entitled: "Campo, city, urban and rural: concepts, representations and approaches in Geography textbooks". For the present essay, we used the photographic records that are part of the methodological collection of the research to weave reflections from a theoretical contribution that deals with small towns, ruralities, photographs and the teaching of Geography. The reflections defend the insertion of the students' daily spatial practices in the approaches of concepts and themes of Geography at school. Besides, the unique dynamics of the small town through the manifestations of ruralities that occur in it also explains its particularities in relation to medium and large cities, and its recognition in the context of teaching Geography, conceives other and different modes of understanding these spaces and of the ways of being of the who experience them.

Keywords: Small town; Ruralities; Photographs; Teaching Geography.

O contexto do texto: registrando uma introdução

Este texto é um desmembramento de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus XI, Serrinha*, vinculada ao Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, cujo título foi "Campo, cidade, urbano e rural: conceitos, representações e abordagens nos livros didáticos de Geografia" (2019), a qual intencionou analisar os modos com que as relações campo-cidade e urbano-rural são concebidas em uma coleção de obras didáticas de Geografia, Anos Finais, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do

Material Didático (PNLD/2017-2019),¹ por meio da tríade conceituação-representação-abordagem. A referida coleção foi adotada em uma instituição pública que faz parte da rede municipal, inserida no contexto da cidade pequena e que atende estudantes oriundos de espaços urbanos e rurais.

Nesse sentido, a principal fonte de recolha de dados desta pesquisa foi os livros destinados aos estudantes (do 6º ao 9º ano) da coleção didática *Expedições Geográficas*, de autoria dos professores Melhem Adas e Sergio Adas, publicada pela editora Moderna. Quanto ao viés metodológico, esta investigação foi ancorada na abordagem qualitativa, a qual contemplou a análise documental (livros didáticos e Guia Digital PNLD). As análises realizadas, mediante a leitura e avaliação dos livros didáticos em torno das relações campo-cidade e urbano-rural, consideraram que estes são “[...] importantes conteúdos conceituais, cujas narrativas potencializam discursos, crenças e representações sobre visões de mundo que implicam no modo como os alunos apreendem sobre os diferentes espaços [...]”. (RIBEIRO; PORTUGAL, 2022, v. 1, p. 340) Nesse sentido, tornou-se necessário o acionamento das dimensões do vivido pelos sujeitos que utilizavam esse importante dispositivo didático-pedagógico no Colégio Municipal de Biritinga, instituição *locus* da pesquisa, mediante o mapeamento das ruralidades no contexto urbano da cidade de Biritinga, cenário que vivificou a investigação. Tais ruralidades despontam as imbricações existentes entre campo-cidade e urbano-rural, revelando maneiras singulares nos modos de habitar dos sujeitos presentes nas cidades pequenas.

Assim, os registros fotográficos adentraram a pesquisa como uma estratégia metodológica que possibilitou materializar as questões de interesse nas dimensões analíticas que emergiram no devir da investigação – singularidades do habitar a cidade pequena, imbricações campo-cidade e urbano-rural e as ruralidades no urbano. Contudo, para este texto, utilizaremos as fotografias capturadas no tecer da pesquisa de campo do TCC, na intenção de junto ao aporte teórico conceber uma análise interpretativa-compreensiva das imagens que possibilitam apresentar possibilidades de apropriação e potencialidades didático-pedagógicas das mesmas no ensino da Geografia Escolar acerca de questões que versem sobre o campo e a cidade, o urbano e o rural.

Nesse sentido, ancorados nas concepções de Castellar (2019, p. 13), entendemos que “[...] a Geografia apresenta o mundo pelas representações”, logo, as múltiplas e diferentes linguagens constituem-se como dispositivos capazes de exprimir o mundo vivido, estampam e refletem também um mundo possível e imaginado, descortinam mazelas e despontam horizontes outros. Desse modo, salientamos que:

[...] Os mapas, imagens de satélite, fotografias e vídeos apresentam o mundo, detalhes de uma forma ou um gesto, tempos e movimentos do passado e do presente combinando-se em

¹ Segundo Ribeiro (2019, p. 49-50), as resenhas das 11 coleções de Geografia aprovadas são apresentadas no Guia Digital “[...] em quatro blocos temáticos: 1 – Visão geral da coleção; 2 – Descrição; 3 – Sumário sintético 4 – Análise da obra: proposta pedagógica, formação cidadã e manual do professor”.

expressões visuais, auditivas, olfativas, palatáveis e táteis, capturadas pelos sentidos e significadas pela história individual do sujeito em contato. Apresentado ao mundo que foi e ao mundo que está sendo, o indivíduo somente pode interpretá-lo geograficamente se contar com os códigos e o vocabulário da Geografia, que são suas categorias e princípios; suas linguagens e representações e formas de raciocínio ante ao problema, condição de enfrentamento que permeia a vida do sujeito. (CASTELLAR, 2019, p. 13).

Assim, as fotografias utilizadas neste texto buscam revelar singularidades que decorrem dos modos de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), de sujeitos que experienciam a vida na cidade pequena. Analisaremos, mediante a cotidianidade, as manifestações de distintos costumes, tradições e crenças que afloram a presença das ruralidades na cidade, apontando as linhas tênues entre o campo e a cidade e o modo como a cidade pequena é constituída, vivida, habitada. Para este ensaio, a noção de habitar está assentada nas contribuições de Heidegger (2001, p. 128), cuja concepção encontra-se vinculada ao “[...] modo como os mortais são e estão sobre a terra”.

Desse modo, a maneira singular de ser e estar no mundo daqueles que habitam a cidade pequena é o objeto central de análise deste texto, objetivando despontar olhares outros acerca da dinâmica da vida, do modo de vivenciar o urbano e da manutenção de hábitos peculiares ao mundo rural presentes nesses pequenos centros.

Dessa maneira, nossa intenção com a escrita desse texto é apresentar contribuições aos estudos e debates que analisam as cidades pequenas sob o prisma das ruralidades, concebendo ainda uma articulação com a educação geográfica, tendo em vista que são poucas as investigações sobre esses centros urbanos no âmbito da Ciência Geográfica em comparação ao volume de trabalhos que versa sobre as dinâmicas das grandes e médias cidades, menos ainda quando se pensa na compreensão desse fenômeno no âmbito do ensino de Geografia.

Este texto encontra-se estruturado em quatro seções. A primeira delas é esta, nomeada como “O contexto do texto: registrando uma introdução”, cuja intenção é situar o leitor sobre este escrito. A segunda seção é a “Geografia, fotografia e cidades pequenas: vivências, cotidianos e aprendizagens do/no urbano”, a qual articula os conceitos que dão nexos à investigação com o aporte teórico-metodológico utilizado para consubstanciar a pesquisa. A terceira seção textual, nomeada “Geo(foto)grafando o cotidiano de uma cidade pequena: o que podem elucidar as fotografias?”, apresenta uma reflexão acerca dos elementos que emergem na paisagem urbana de uma cidade pequena mediante a análise das fotografias que revelam as singularidades e especificidades desses centros. A quarta seção intitula-se “Registrando algumas considerações: para não concluir”, e comporta as reflexões finais sobre o escrito. Por fim, encontram-se as

referências, os autores e obras que possibilitaram tecer as análises sobre o rural e o urbano, as ruralidades e urbanidades a partir da pequena cidade de Biritinga (BA).²

Geografia, fotografia e pequenas cidades: vivências, cotidianos e aprendizagens do/no urbano

No cerne da Ciência Geográfica, discussões que giram em torno da cidade, das dinâmicas, cotidianos, possibilidades e tensões de cenários eminentemente urbanos ocupam lugar de destaque, isso porque a cidade, conforme aponta Cavalcanti (2015, p. 265), “[...] tem sido entendida como um produto e como condição na vida social da maioria das pessoas [...]”. Dada a amplitude do debate, verifica-se que as discussões sobre cidade não são exclusivas da Geografia, mas esta “[...] se destaca por priorizar a análise enfocando o espaço” (BERNADELLI, 2004, p. 213), sua principal categoria analítica.

O dever desses estudos aponta vicissitudes de prismas teórico-epistemológicos para compreensão do que é cidade. Entretanto, ao longo dos anos houve uma atenção maciça para as grandes e médias cidades relegando as de menor porte do debate. A carência de estudos sobre esses centros urbanos que compõem, de maneira expressiva, a rede urbana brasileira, dificulta, ainda nos dias de hoje, uma conceituação/definição sobre o que é uma cidade pequena. Nesse sentido, observa-se que, “[...] na Geografia, o estudo das cidades pequenas não tem sido um dos temas prioritários na produção do conhecimento sobre cidade”. (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 13).

Somando-se a essa questão, Sposito e Jurado da Silva (2013, p. 20) ainda destacam o fato de que, por ser “[...] empregada amplamente pela mídia e pelos leigos, a ideia de ‘cidade pequena’ ganha uma conotação muitas vezes vaga e seu sentido geográfico é perdido, distorcido ou mesmo negligenciado”, ou seja, o imaginário evocado e difundido acerca das cidades pequenas, dos seus cotidianos e sujeitos vincula-se muitas vezes a grandes equívocos os quais concebem a uma ideia de inferioridade, de poucos ou quase nenhum atributo, da vida simples, tranquila e pacata, marginalizando as especificidades que circundam essas realidades. Mas o que não se pode perder de vista é que esses centros urbanos “[...] também abrigam funções político-administrativas, residenciais, econômicas, (serviços, indústrias, comércio, etc.) e sociais (educação, saúde e segurança, etc.)” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 39) evidenciando que, mesmo que em menor grau, em comparação aos grandes centros, eles também encontram o urbano.

O urbano é aqui compreendido enquanto “conteúdo e contingente” (WHITACKER, 2010, v. 87, p. 191), o que nos leva a apreender que sua manifestação ocorre de maneira mais intensa nas cidades, sobretudo as de grande porte, mas esse processo não se limita a essas realidades, chega às cidades médias e pequenas e,

² Biritinga é um dos 417 municípios que fazem parte do estado da Bahia e integra com outros 19 municípios o chamado Território de Identidade do Sisal. Localiza-se a 192,7 quilômetros da capital baiana e possui 14.836 habitantes, destes, 3.517 correspondem à população urbana e 11.319 à população rural.

inclusive ao campo. A diferença nesses últimos casos é que os limites entre urbano e rural são tênues, e diferenciar o início de um para o término de outro é, por vezes, uma tarefa complicada, tendo em vista que ambos são concomitantemente “[...] representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade” (BLAZZO, 2008, p. 144), cuja materialização pode ocorrer tanto na cidade quanto no campo.

Essa acepção faz emergir no âmbito dos estudos sobre cidades pequenas perspectivas que defendem a presença das ruralidades na cidade, bem como das urbanidades no campo. Sobre essa questão, Alves (2012, p. 16) destaca:

A noção de ruralidade e urbanidade ganha destaque nas pesquisas em geografia, pois não trata somente da questão espacial (do espaço absoluto), mas o espaço vivido e imaterial, considerando os valores e o modo de vida que constituem o lugar. A ideia de estudar o espaço apenas pelos fixos, funções e formas, não responde a totalidade da relação campo-cidade, deve-se atentar aos processos da sociedade. (ALVES, 2012, p. 16)

Nesse contexto, a compreensão dos espaços, sejam eles urbanos ou rurais, assentada nas expressões das ruralidades ou urbanidades, possibilita um conjunto de reflexões sob diferentes aspectos da realidade – cultural, econômico, ambiental e político –, os quais conotam as particularidades do “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002) da população inserida naquele determinado recorte espacial.

As concepções que consideram a presença das “ruralidades na cidade” e/ou das “urbanidades no campo” partem da ideia de que “[...] rural e urbano fundem-se mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades” (RUA, 2006, p. 86), logo, a inserção e troca de conteúdos e ações que ocorrem entre os espaços de campo e cidade não promovem uma ruptura do urbano sobre o rural, já que este movimento simultâneo ocorre “[...] sem que cada espacialidade perca suas marcas” (RUA, 2006, p. 95).

Desse modo, Rua (2007, p. 272) concebe as urbanidades no rural como sendo:

[...] todas as manifestações materiais e imateriais com caráter inovador (nem sempre de origem urbana ou metropolitana, embora influenciadas por essa origem) em áreas rurais, sem que, por isso, fossem identificados tais espaços como urbanos. As urbanidades são constituídas por uma enorme gama de manifestações, que incluem, em seus aspectos materiais, a melhoria da infraestrutura e dos meios de comunicação, novas formas de lazer, a segunda residência, o turismo, as indústrias, o acesso a bens de consumo coletivos, especulação imobiliária e o preço da terra, novas relações de trabalho, direitos trabalhistas, aposentadoria rural etc.

Assim, essa perspectiva toma urbano e rural a partir das relações que por eles se estabelecem, de uma maneira complementar, de modo que as diferenças existentes entre

esses pares não são utilizadas para alimentar dicotomias, e sim, é dado reconhecimento dos elos que são constituídos em decorrência de trocas que ocorrem paralela e continuamente, e mais especificamente no caso do espaço rural “[...] supera a concepção historicamente construída [...] enquanto espaço marginalizado, um entorno inferiorizado, subalterno e dependente da cidade” (PORTUGAL, 2013, p. 120-121). No âmbito das manifestações das urbanidades no campo, podemos considerar elementos ditos urbanos que se apresentam nas áreas rurais, os quais “[...] vão desde a melhoria da infra-estrutura e dos meios de comunicação até a aposentadoria e novas formas de lazer” (RUA, 2002, p. 41).

Esses artefatos adentram o espaço rural como possibilidade de melhoria nas condições e manutenção da vida no lugar que performa o acontecer da vida de muitos sujeitos. Desse modo, a presença e acesso às tecnologias de informação e comunicação, aos serviços de educação, saúde e lazer, e aos transportes automotivos, são exemplos constituintes das “urbanidades no campo” (RUA, 2002, 2007), pois tais urbanidades tiram o espaço rural da condição de inóspito, rudimentar e atrasado, caminhando muitas vezes para uma “revalorização do rural” como espaço do sossego, da residência alternativa, do contato com a natureza, sobretudo a depender dos atributos de sua localização geográfica.

No que concerne às ruralidades, podemos compreendê-las como práticas sociais que “[...] compõem elementos da realidade e das identidades contemporâneas” (MOREIRA, 2005, v.1, p. 15) estas se reportam aos hábitos, tradições e crenças – materiais e imateriais – experimentadas tradicionalmente no campo que se materializam na cidade. Nesse sentido, Carneiro (1998, p. 59) salienta que:

[...] não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração dos mundo urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como ‘rural’, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos ‘naturais’, por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural.

Assim, concordamos com Medeiros (2017, p. 185) ao sinalizar que, “[...] quando aplicado à noção de urbano, a ruralidade caracterize-se por ser um conceito cuja natureza é territorial, mas não setorial”; logo, à medida que diferentes sociabilidades são singularizadas através dos modos como os sujeitos expressam suas maneiras de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), a ruralidade vai despontando uma multidimensionalidade na forma de insurgir. Portanto, há de se considerar na análise acerca das ruralidades na cidade o espaço-tempo que as constituem. Dessa maneira, a paisagem, o lugar e as múltiplas territorialidades que integram o cotidiano de uma cidade pequena são instrumentos reveladores das diversidades que emergem nas/das ruralidades. Conforme aponta Rios (2011, p. 79):

[...] as reflexões sobre a ruralidade na atualidade exigem o reconhecimento do rural, tanto nas suas relações com o urbano, como segundo as suas relações internas e específicas. A possibilidade de se estudar novas ruralidades supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações desse espaço rural entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade).

Diferentes elementos socioespaciais são analisados sob o prisma das ruralidades desde meados da década de 1990, quando uma gama de pesquisadores começa a reconhecer e defender a ideia de que a urbanização no Brasil não se apresenta de maneira uniforme, e argumentam que os limites entre o urbano e o rural no âmbito das cidades pequenas são intrínsecos, sendo insuficientes os parâmetros utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para definir o término de um e demarcar o início do outro.

Diante disso, Alves (2021, p. 33) destaca:

No Brasil, a definição do IBGE concerne as prefeituras municipais o comprometimento para delimitar as áreas do espaço urbano e rural, de acordo com as particularidades locais e regionais. Há o entendimento, que o espaço urbano é aquele dotado de infraestrutura e serviços próprios da cidade, e que a ausência desses atributos é remetida ao espaço rural. Entretanto, a questão vai além de ser uma divisão administrativa, envolvendo interesses político-tributários e econômicos-imobiliários, que galgam pela expansão da área ‘urbana’ e esquecem dos sujeitos que vivem em áreas limítrofes e por vezes, ‘mudam’ de espaços sem mudar suas vivências.

Com esse raciocínio, entendemos que a diferenciação de urbano e rural elaborada a partir dos dados e atributos quantitativos não é suficiente para estabelecer uma delimitação espacial, já que estes não são pares anacrônicos. Diante disso, emergem debates, estudos e pesquisas que questionam o modo como as diferenciações e integrações dos espaços urbanos e rurais são concebidas em documentos oficiais. Para esse feito, Alves (2021) sinaliza que é cada vez mais recorrente análises pautadas em metodologias quali-quantitativas, nas quais se consideram os dados estatísticos oficiais como também as pesquisas *in loco*. Logo, a maneira como cada sujeito desvela-se no seu modo de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), na sua experiência cotidiana e existencial de ser o que si é, tem possibilitado fecundas análises a partir dos conteúdos, práticas e características que apontam cada vez mais para uma necessidade de revisão dos parâmetros utilizados atualmente pelos agentes/instituições, ao delimitar áreas em urbanas ou rurais sem considerar as ações vivenciadas naquele espaço. Para Portugal (2013, p. 122),

[...] o rural vai além do recorte espacial, da sua organização geográfica, pois ele deve ser concebido como um lugar onde se estabelecem relações, cuja constituição retrata também o modo como os sujeitos se apropriam desse lugar. Isto significa também que não só os sujeitos fazem parte deste espaço, mas que o espaço rural também faz parte da vida do sujeito.

Nesse sentido, a tomada das fotografias enquanto dispositivo metodológico possibilita ao pesquisador registrar o dia a dia dos sujeitos inseridos na dobra do tempo-espaço do cenário investigado, materializando os repertórios de vivências, dos conteúdos que compõem as ações experienciadas e evocadas no vai e vem cotidiano.

Entretanto, embora seja crescente os usos das fotografias nas investigações acadêmicas, estas ainda são empregadas de maneira secundária, de modo que funcionam apenas como ilustração complementar e coadjuvante de informações extraídas dos mapas, gráficos, tabelas e/ou do que emerge nas/das narrativas de colaboradores em casos de aplicação de entrevistas. Steinke (2014, p. 66) destaca que essa questão está vinculada ao fato de que:

[...] ainda são poucos estudos e revistas científicas geográficas que fomentam esse documento como uma fonte de informação científica. Mesmo que a partir do surgimento da Geografia moderna, as ilustrações usadas muitas vezes dependem de outras fontes.

Conforme aponta o autor, a utilização da fotografia no âmbito dos estudos geográficos surge na chamada Geografia Moderna, sobretudo, pelos geógrafos naturalistas cujas pesquisas estavam diretamente ligadas às dinâmicas físico-naturais das paisagens; assim, a utilização desse dispositivo nas atividades de campo possibilitava registrar os componentes geológicos, fisiográficos e geomorfológicos de diferentes áreas visitadas. Ainda no século XIX, no contexto das investigações ancoradas na Geografia Humana, as fotografias foram inseridas no “[...] manuscrito para apoiar o trabalho descritivo e analítico desenvolvido pelos geógrafos” (STEINKE, 2014, p. 67).

Nesse sentido, é recorrente a defesa das potencialidades e possibilidades das fotografias como fonte de recolha de dados, sem que estas sejam vistas como complementares a outros tipos de metodologias, pois conforme sinaliza Steike (2014, p. 66):

A intencionalidade subjacente a toda fotografia, a sua capacidade evocativa e o inquestionável valor como um instrumento e fonte de pesquisa, são mais que suficientes para adoção de uso em estudos de geografia, portanto é premente a demanda por uma discussão teórica no âmbito da ciência geográfica que possibilite tal leitura ao cenário brasileiro.

Sendo assim, um dos principais impasses para adesão das fotografias como principal ou única fonte de recolha de dados em uma pesquisa é a carência de

aprofundamentos de estudos que versem sobre a utilização desse recurso nas investigações acadêmicas. Se no âmbito da Geografia Acadêmica existe um longo caminho a ser percorrido para avançarmos neste debate, no cenário da Geografia Escolar e da Educação Geográfica, existe um amplo leque de discussões que defendem, problematizam e concebem outras geografias na escola a partir da utilização das imagens, inclusive, a fotografia para mobilizar o fazer pedagógico de professores em sala de aula.

Geo(foto)grafando o cotidiano de uma pequena cidade: o que podem elucidar as fotografias?

Fotografias possibilitam elucidar cotidianos, registrar paisagens e lugares que constituem a (re)produção e a ocorrência da vida e, até mesmo, mapear múltiplas territorialidades e distintas ruralidades que emergem no espaço urbano de uma pequena cidade pela maneira singular de ser dos seus habitantes.

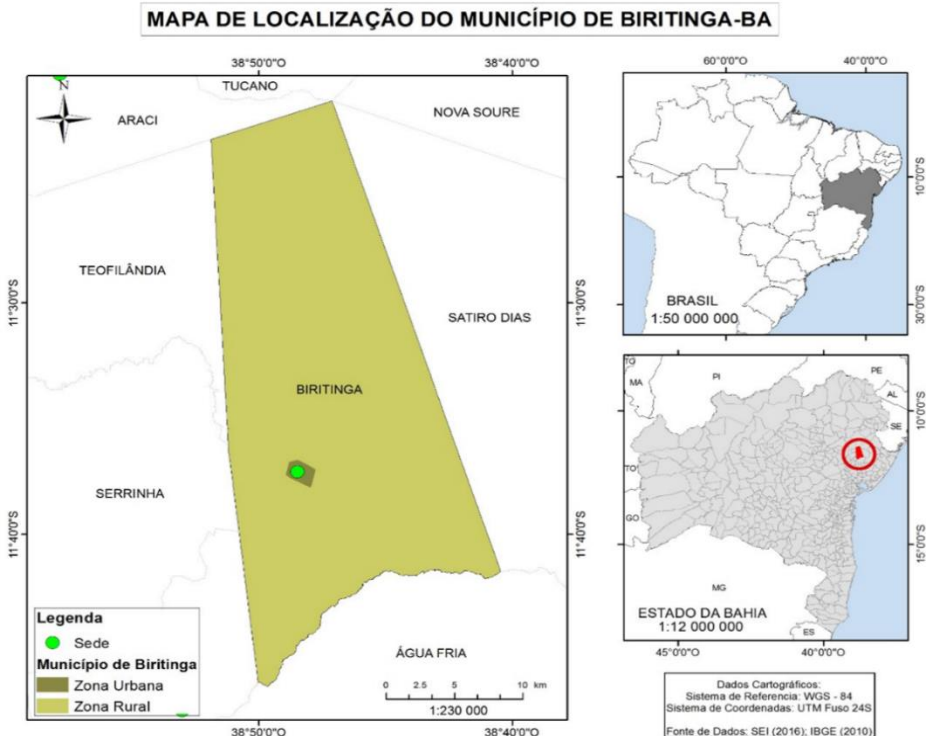


Figura 1: Mapa de localização do município de Biritinga (BA)

Fonte: SEI (2016) e IBGE (2010).

Elaboração: arquivo pessoal de José Marcos Silva Ribeiro (2018).

Nesse sentido, em uma espécie de mapeamento do/no cotidiano habitado e experimento, as fotografias aqui apresentadas vão despontar para as “práticas do espaço” (CERTEAU, 1994) que são comuns aos que nele estão inseridos. Assim, o mosaico de registros fotográficos projetado neste texto, intencionam, apresentar a experiência de habitar a cidade pequena mediante práticas pessoais, simbólicas e materiais que revelam as manifestações em diferentes modos das ruralidades presentes nas cidades.

Sabendo que “[...] geograficamente, as cidades pequenas diferem entre si” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 37), o esforço empreendido nas análises evocadas sobre as fotografias busca, por meio de inspirações na fenomenologia heideggeriana, evidenciar particularidades constituintes do/no (vi)ver cotidiano da sede (cidade) de Biritinga, um município localizado no semiárido baiano.



Figura 2: Praça do Champrão – Centro urbano de Biritinga (BA)

Fonte: Arquivo pessoal de José Marcos Silva Ribeiro (2019).

Esse município integra o Território de Identidade do Sisal,³e como característica comum da maioria dos municípios que o compõe, a população rural sobrepõe a população urbana. No caso de Biritinga, o último censo demográfico do IGBE (2010) aponta que dos 14.836 habitantes, mais da metade estão distribuídos pelas comunidades rurais. Cabe ressaltar que a nossa intenção aqui não é de nos atermos apenas aos dados estatísticos para levantar a discussão já feita por Veiga (2004) de que o Brasil é menos urbano do que o calculado, mas colocar em evidência a maneira particular em que se desdobra o “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), de quem vivencia essas realidades muitas vezes sucumbidas, negligenciadas e silenciadas nos documentos oficiais, materiais didáticos e meios de comunicação.

Projetados no centro da cidade para início do trabalho de campo da pesquisa, vislumbramos elementos que remetem à dinâmica local da cidade pequena. Uma praça, um coreto, a igreja, crianças brincando pelas ruas, adultos “jogando conversa fora” numa espécie de tempo lento do lugar onde as relações são mais afetivas e as trocas constantes, forte característica constituinte desse lugar mundial simples que é a cidade pequena. Nas andanças pela cidade observando como as ruralidades podem ser percebidas facilmente, entendemos que as paisagens elas também revelam e “[...] falam dos homens que as modelam e que as habitam atualmente, e daqueles que lhes precederam; informam sobre as necessidades e os sonhos de hoje, e sobre aqueles de um passado muitas vezes difícil de datar” (CLAVAL, 2007, p. 15).

Desse modo, compreendemos que “[...] a maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar” (HEIDEGGER, 2001, p. 127, grifo do autor), um habitar que se revela no cotidiano dos lugares, nas paisagens, na tessitura da vida. Sendo assim, pensar as ruralidades habitadas na cidade de Biritinga se constitui mediante a concepção de que:

[...] para o entendimento da ruralidade, não podemos focalizar somente as relações sociais existentes no espaço rural, temos que observar e interpretar as práticas e interações espaciais também na cidade, pois isso pode refletir a manutenção de vivências do rural ou seu processo de transformação. (ALVES, 2021, p. 40)

Assim, enquanto práticas sociais, as ruralidades denotam um repertório de vivências, saberes e experiências que resistem ao tempo, a espacialização do fenômeno urbano-industrial sobre o espaço e a ideia de homogeneização das culturas com os avanços da globalização. Nesse sentido, o mapeamento feito das ruralidades na cidade de Biritinga, através das capturas de uma lente de uma máquina fotográfica, além de integrar o banco de dados da pesquisa aqui apresentada, expressa também possibilidades de usos e apropriações pedagógicas por parte dos professores de Geografia ao abordarem conceitos e temas geográficos que coloquem em discussão a temática da cidade.

³ O Território de Identidade é uma unidade de planejamento adotada no estado da Bahia. Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN) (2008), Território de Identidade é concebido como “[...] um espaço físico geograficamente definido, não contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais [...]”.

Compreender a cidade como espaço que comporta o lugar de vida para a interpretação da realidade-mundo é um movimento que

[...] exige conhecermos as histórias dos lugares, as condições em que se inserem, tanto do ponto de vista do quadro natural, quanto das condições sociais e políticas e das diferenciações culturais. Cada cidade apresenta marcas que lhe são características, mas cada cidade também responde a questões globais, externas a essa região, e que precisam ser consideradas tanto na perspectiva do global quanto na do local. (CASTELLAR, 2009, p. 105)

Tal processo exige que as práticas pedagógicas estejam alicerçadas em estratégias que concebam a cidade de vivência dos estudantes como um potente laboratório de ensino, no qual as vias cotidianas sejam utilizadas em um movimento que corrobore para o engajamento dos escolares sobre questões que os rodeiam.

A abordagem sobre a presença das ruralidades na cidade põe em evidência o processo multifacetado da urbanização do/no país, possibilitando, no âmbito da sala de aula da Educação Básica, que o professor tencione questionamentos nos quais os estudantes possam lançar outros olhares sobre suas experiências espaciais e o modo como elas são experienciadas ou não em outros espaços.



Figura 3: Ruralidades da/na cidade pequena de Biritinga (BA)
Fonte: Arquivo pessoal de José Marcos Silva Ribeiro (2019).

A captura fotográfica do mosaico de imagens representado na Figura 3 foi realizada na Rua Paulino Santana, área localizada bem próximo ao centro urbano da cidade de Biritinga, em diferentes momentos da pesquisa de campo do trabalho monográfico. Tais registros possibilitam a percepção de como o urbano e o rural na cidade pequena se encontram, se (re)constroem e se articulam. Seja por meio da pavimentação incompleta, que deixa a rua com uma feição mais característica do rural, ou pelas áreas ainda não ocupadas por moradias que dão lugar às criações de animais de grande e pequeno portes, como também pelas antigas formas de locomoção nos deslocamentos geográficos para a realização de atividades da vida cotidiana.

As ruralidades evidenciadas nas fotografias revelam a manutenção de hábitos rurais de sujeitos que, do ponto de vista da morada, construíram seu habitar na cidade, mas o modo como suas experiências espaciais se constituem apontam para maneiras de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), as quais estão assentadas em ações vivenciadas e aprendidas no mundo rural.



Figura 4: Manifestações de hábitos rurais na vida cotidiana na cidade de Biritinga (BA)

Fonte: arquivo pessoal de José Marcos Silva Ribeiro (2018).

Esse mosaico de imagens que constitui a Figura 4 evidencia como a cidade pequena está imbricada na interface urbano-rural tendo em vista que os modos de viver de seus habitantes carregam marcas dessas duas representações, nesse sentido, coadunamos com as ideias de Dardel (2015, p. 34) quando afirma que:

[...] A realidade geográfica é para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte de seu vale, ou a sua rua, seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade [...].

A partir do que assevera Dardel (2015), podemos dizer que essas marcas circunscrevem o existir e o habitar das pessoas que fazem insurgir as ruralidades na cidade pequena, tendo em vista que mesmo com o passar dos anos as aprendizagens adquiridas em outros espaços e tempos com sujeitos que exerceram alguma influência sobre suas identidades permanecem em suas práticas e se elaboram como uma tradição cultural ou atividade geradora de renda. Vemos, então, que as vivências e costumes construídos ao longo das experiências espaciais em contextos eminentemente rurais quando afloram na cidade pequena revelam também uma “tática de resistência” (CERTEAU, 1994) dos sujeitos, tendo em vista que, para além dos vínculos afetivos de se praticar aquilo que foi apreendido no passado, constituem-se como um modo de subsistência dentro desses centros urbanos, os quais em alguns casos, conforme destaca Jurado da Silva (2011, p. 58),

[...] sobrevivem somente em razão do Fundo de Participação dos Municípios, repassados pelo Governo Federal. Com isso, ampliam-se os laços clientelísticos e a prefeitura é vista como ‘mãe’ social do povo, alimentando todo tipo de assistencialismo em troca da manutenção do poder e dos laços hierárquicos eleitorais.

Desse modo, é recorrente que os indivíduos que não são contemplados com essas políticas assistencialistas, as quais, na maioria dos casos, concebem empregos vinculados à prefeitura municipal, busquem outros modos de sobrevivência por meio da realização de atividades que possam garantir rentabilidade e sustento, como a comercialização, em suas casas e na feira livre da cidade, de especiarias hortifrutigranjeiras produzidas nos quintais dos residentes urbanos ou em terrenos ainda não ocupados.

Portanto, concordamos com Souza (2012, p. 18), ao sinalizar que “[...] o estudo das ruralidades se dá, também, pelo valor heurístico do rural, para a compreensão dos dinamismos locais”, logo, acreditamos que a apropriação pedagógica do espaço urbano da cidade pequena, por professores de Geografia que exercem a docência nessas realidades, pode ocorrer por meio do uso em sala de aula de registros fotográficos das diferentes paisagens e lugares que as compõem ou pela atividade de campo. Tais práticas possibilitam, no âmbito do ensino de Geografia, o acionamento da vida cotidiana como lugar de ocorrência de diferentes fenômenos geográficos. E, nesse contexto, os estudantes então vão concebendo e “[...] tornando as coisas que o cercam referências iniciais e fundamentais para uma configuração não apenas do seu próprio lugar – seu espaço de ação – como também para compreensão de regiões que se estendem para além delas” (PÁDUA, 2008, p. 12-13).

Assim, as ruralidades experienciadas pelos estudantes no devir de suas práticas espaciais ao serem reconhecidas no contexto da sala de aula, além de proporcionar reflexões e outras compreensões acerca de suas maneiras de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002), despontam para a construção de um pensamento geográfico e, assim, o sujeito consegue refletir sobre a realidade que o circunda de forma crítica, mas também amplia sua escala de análise.



Figura 5: Tradições, costumes e permanências – o encontro de hábitos rurais no urbano de Biritinga (BA)

Fonte: arquivo pessoal de José Marcos Silva Ribeiro (2019).

O mosaico de imagens que constitui a Figura 5 revela que os modos de “praticar o lugar” (CERTEAU, 1994) dos sujeitos que habitam a cidade pequena está intrinsecamente ligado ao seu entorno rural, logo, nos defrontamos na cotidianidade com a interface urbano-rural, pois, ao passo que encontramos elementos característicos do urbano – equipamentos, serviços, instituições –, nos deparamos também com os que caracterizam o rural (gado pelas ruas, criação de caprinos em áreas não ocupadas, montarias).

Diante disso, Ribeiro e Oliveira (2022, v. 1, p. 201) destacam que utilizar o vivido/experimentado pelos estudantes através de suas práticas espaciais para mobilizar abordagens de conceitos e temas geográficos em sala de aula perpassa pelo entendimento de que esses sujeitos “[...] possuem saberes resultantes de suas vivências cotidianas que, alinhados aos conhecimentos científicos, potencializam o processo de ensino-aprendizagem”.

Logo, pensar e contemplar uma abordagem que entenda as ruralidades como elemento constituinte da cidade pequena em sala de aula tende a ser um caminho profícuo para que os estudantes possam compreender as dinâmicas desses centros cuja

“[...] relação campo-cidade e urbano-rural ganha um significado especial [...]” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 44), e como isso reflete “[...] na dimensão do vivido e no modo antropológico/sociológico das condições experimentadas no cotidiano” (SPOSITO; JURADO DA SILVA, 2013, p. 44).

Assim, quando colocados a refletir sobre seus espaços de vivências e o que eles comportam, atravessadas por suas práticas espaciais, os estudantes poderão compreender que “[...] a ruralidade é material e imaterial, e por isso ultrapassa os limites impostos no perímetro urbano, que determinam administrativamente o que é cidade e campo, e envolve ações e vivências que se expressam no cotidiano da sociedade” (ALVES, 2021, p. 28), de modo que as diversas ruralidades que se manifestam na cidade pequena possam ser simbolicamente entendidas como singularidades do “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002) de seus habitantes, as quais traduzem re-existências locais frente aos processos de homogeneização espacial.

Refletir sobre os cotidianos e as dinâmicas das cidades pequenas e compreender que embora sejam centros dotados de singularidades, particularidades e diferenças entre si, é possível inferir que existem características comuns a análise desse fenômeno constituinte da rede urbana brasileira, tais como, a precarização do trabalho, o papel, a importância e a dependência do poder público, proximidade e articulação com as comunidades rurais do seu entorno, localização geográfica e pouco dinamismo na oferta de serviços.

Desse modo, torna-se relevante considerar tais características comuns às pequenas cidades que explicam suas dinâmicas, carências, tensões e possibilidades, as quais consideramos como caminhos e/ou possibilidades de abordagem teórico-metodológica no âmbito do ensino de Geografia para refletirmos sobre as assimetrias e similitudes dessas cidades, sobretudo para estudantes que as vivenciam e, por vezes, reproduzem equívocos e preconceitos de suas próprias realidades.

Além disso, (re)pensar as relações campo-cidade e urbano-rural para entender as manifestações das ruralidades no urbano parece-nos salutar para desenhar um perfil dessa cidade, dos modos de vida, das sociabilidades, do habitar cotidiano, e para romper com as compreensões alicerçadas em dualismos-dicotomias que chegam até aos estudantes e continuam implicando num entendimento totalitário-complementar sobre esses espaços.

Registrando algumas considerações: para não concluir

*Vai diminuindo a cidade.
Vai aumentando a simpatia.
Quanto menor a casinha.
Mais sincero o bom dia.
Simplicidade (2005)*

O trecho da canção soa-nos subjetivo para iniciar as considerações deste texto, sem a intenção de concluir o debate. Sentir e registrar o cotidiano singular da pequena cidade de Biritinga nos leva a refletir que, de fato, ao passo que “vai diminuindo a cidade. Vai aumentando a simpatia”. A cidade pequena, na medida em que os sujeitos singularizam seus modos de habitar, suas maneiras de ser e estar no mundo, vai se constituindo em um lugar mundial, simples, cujas relações de afetividade, de sentimento de pertença e as trocas são contínuas e constantes.

Entendemos que, no âmbito da sala de aula, articular as relações campo-cidade e urbano-rural possibilita também a compreensão das dinâmicas desses centros, bem como das ruralidades que se manifestam no urbano, uma vez que:

[...] o processo de urbanização no Brasil não aconteceu da mesma maneira em todos os espaços – sejam eles urbanos ou rurais – e, embora tenha aproximado o espaço rural da realidade urbana com a inserção de objetos técnicos e ações (urbanidades) que remetem ao modo das/nas cidades, o rural não deixou de existir. (RIBEIRO; PORTUGAL, 2022, v. 1, p. 340-341)

Assim, percorrer por outras estratégias metodológicas para compreensão desses espaços em sua totalidade no ensino de Geografia tem se despontado como uma alternativa para romper com concepções dicotômicas que reforçam a concepção de superioridade da cidade em detrimento do espaço rural, bem como das experiências, vivências e formas de ser e ver o mundo dos sujeitos que os vivenciam. É preciso conceber o rural e o urbano como processos complementares, embora, no caso particular observado cotidianamente na pequena cidade de Biritinga, manifestações, símbolos e identidades do rural afloram no seu entorno, bem como manifestações das urbanidades nas comunidades rurais que fazem parte do referido município.

As observações no/do cotidiano de Biritinga, no devir da pesquisa, materializadas nas fotografias retratam o modo como as ruralidades se constituem em “[...] expressão de identidades sociais abertas e múltiplas” (SOUZA et al., 2010, p. 47) isso explica o fato delas não se limitarem ao campo, pois resultam de práticas sociais identitárias, múltiplas e móveis que se manifestam tanto no campo quanto na cidade.

Dessa maneira, concebemos as fotografias enquanto fontes fecundas de recolhas de dados, e, no âmbito da escola, tem se constituindo um relevante dispositivo metodológico, uma importante estratégia didática que potencializa o ensino de conceitos e temas da Geografia. Registrar ações, práticas e vivências cotidianas da cidade pequena para promover uma análise das ruralidades no urbano possibilita apreender os modos como essas ruralidades se manifestam e quais dimensões/singularidades do vivido podemos analisar a partir delas. (Foto)grafar o atravessamento das ruralidades para explicar as dinâmicas e/nos contextos econômicos, políticos, sociais e culturais da cidade pequena possibilita uma leitura espacial crítica e reflexiva dessas realidades.

A pesquisa, então, revelou que as diversas ruralidades habitadas no cotidiano da pequena cidade de Biritinga constituem um repertório vasto de experiências

singularmente vivenciadas, as quais se desvelam na paisagem, no lugar e nas múltiplas territorialidades que os sujeitos estabelecem em diferentes pontos da cidade para manutenção de seus hábitos rurais. O cotidiano ainda aponta que as ruralidades transcendem o material – em objetos e formas – e se elaboram em significações, simbologias, sentidos e crenças, que são comuns aos sujeitos que possuem experiências de habitar em cidades marcadas pelas intensas manifestações dessas ruralidades.

Referências

- ALVES, F. D. A relação campo-cidade na geografia brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos. *Geografia Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v. 16, n. 3, p. 7-18, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7570>>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- ALVES, F. D. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a ruralidade. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 6, n. 1, p. 27-46, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/249027>> Acesso em: 14 abr. 2022.
- BAHIA. Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. *Manual do Orçamento do Estado da Bahia*. Salvador: SEPLAN, 2008.
- BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Salvador, [201-]. Disponível em: <<https://sei.ba.gov.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- BERNARDELLI, M. L. F. H. *Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/101440>>. Acesso em: 15 maio 2022.
- BIAZZO, P. P. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA “AGRICULTURA, TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL”, 4., 2008. São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. p. 132-150. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101440>>. Acesso em: 15 maio 2022.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 35., 1997, Natal. *Anais [...]*. Natal: [Sober], 1997. p. 147-185.
- CASTELLAR, S. M. V. Lugar de Vivência: a cidade e a aprendizagem. In: GARRIDO, M. (Org.). *Reflexiones sobre eles pacioenel mundo educativo*. Santiago: Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009. p. 37-56.
- CASTELLAR, S. M. V. Raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento na formação do professor de geografia. *Signos Geográficos*, Goiânia, v. 1, p. 1-20, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/59197>>. Acesso em: 15 maio 2022.

- CAVALCANTI, L. S. O jovem e a cidade: narrativas de suas percepções e de suas práticas espaciais por professores de Geografia. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. *Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes*. Salvador: Edufba, 2015. p. 265-279.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.
- DARDEL, E. *O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 125-142.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo – parte I*. Tradução: Marcia Sá C. Schuback. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- JURADO DA SILVA, P. F. *Cidades pequenas e indústria: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96711>>. Acesso em 25 de maio de 2022.
- MEDEIROS, R. M. V. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: MEDEIROS, R. M. V.; LINDNER, M. (org.). *Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios*. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 179-189.
- MOREIRA, R. J. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, R. J. (org.). *Identidade sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. v. 1. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. v. 1, p. 15-40.
- PÁDUA, L. T.S. *A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.
- PORTUGAL, J. F. “*Quem é da roça é formiga!*”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.
- RIBEIRO, J. M. S. *Campo, cidade, urbano e rural: conceitos, representações e abordagens nos livros didáticos de Geografia*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, 2019.
- RIBEIRO, J. M. S.; OLIVEIRA, S. S. Por uma Geografia dos cotidianos: abordagem dos conceitos de campo-cidade/rural-urbano nos livros didáticos de Geografia. In: FRANCO, G.

B.; CASTRO, J. B. R.; MATOS, M. R. B. (org.). *Abordagens Territoriais: reflexões teóricas e estudos de casos*. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 201-214.

RIBEIRO, J. M. S.; PORTUGAL, J. F. Campo-cidade e rural-urbano nos livros didáticos de Geografia: abordagens e representações. In: VALLERIUS, D. M.; MOTA, H. G.; SANTOS, L. A. (org.). *Ensino de Geografia, Cidadania e Redes Colaborativas: múltiplos olhares*. Goiânia-GO: C&A Alfa Comunicação, 2022. v. 1, p. 339-362.

RIOS, J. A. V. P. *Ser e não ser da roça, eis a questão! Identidades e discursos na escola*. Salvador: Edufba, 2011.

RUA, J. As crises vividas pelo estado do Rio de Janeiro e a emergência de novas territorialidades em áreas rurais. In: MARAFON, G. et al. (org.). *Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 271-98.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. F. (org.). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook, 2002. p. 27-42.

RUA, J. Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, 2006. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=23>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SIMPLICIDADE. Intérprete: Pato Fu. In: *TODA Cura para Todo Mal*. Intérprete: Pato Fu. [Belo Horizonte: Sony BMG Music Entertainment], 2005. (3 min). Disponível em: <<http://letras.mus.br/pato-fu/185865/>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUZA, E. C. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In: SOUZA, E. C. (org.). *Educação e ruralidades: memórias e narrativas (auto)biográficas*. Edufba, Salvador, 2012. p. 17-28.

SOUZA, E. C. et al. *Relatório Técnico de Pesquisa CNPq – Projeto Ruralidades diversas-diversas ruralidades: sujeitos, instituições e práticas pedagógicas nas escolas do campo, Bahia-Brasil*. Salvador, 2010.

SPOSITO, E. S; JURADO DA SILVA, P. F. *Cidades Pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

STEINKE, V. A. Imagem e Geografia: o protagonismo da “fotogeografia”. In: STEIKE, V. L.; DANTE JUNIOR, F. R.; COSTA, E. B. (org.). *Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos*. Brasília, DF: Laboratório de geoiconografia e multimídias – LAGIM/UnB, 2014. p. 45-77.

VEIGA, J. E. A dimensão rural do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 71-94, 2004. Disponível em: dimensão rural do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 71-94, 2004. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/246/242/633>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

WHITACKER, A. M. Campo e cidade. Cidades médias e pequenas. Algumas proposições para a pesquisa e o debate. In: LOPES, D. M. L.; HENRIQUE, W. (org.). *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: CEI, 2010. p. 187-194. (Série Estudos e Pesquisas, v. 87).

Jussara Fraga Portugal

Doutora e mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente é professora titular da Universidade do Estado da Bahia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais.

Rua Nossa Senhora Aparecida, 1530/902, Santa Mônica. Cep: 44077-350, – Feira de Santana – Bahia.

E-mail: jfragaportugal@yahoo.com.br / jportugal@uneb.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6727-4928>

José Marcos Silva Ribeiro

Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais.

Fazenda Coqueiro, Cep: 48.000-780 – Biritinga/Bahia.

E-mail: jmsribeiro08@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1059-1735>

Simone Santos de Oliveira

Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana, graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais.

Rua Mazagão, 390, Condomínio Turmalina, Mangabeira, Cep: 44056-380 – Feira de Santana – Bahia.

E-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br / ssoliveira@uneb.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5477-6216>

Recebido para publicação em julho de 2022.
Aprovado para publicação em janeiro de 2023.